



O desmentido da privação como sintoma do discurso capitalista¹

Rebeca Espinosa Cruz Amaral

Orcid: [0000-0001-5011-5226](https://orcid.org/0000-0001-5011-5226)

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: respinosacamaral@hotmail.com

Rogério Robbe Quintella

Orcid: [0009-0009-1184-8297](https://orcid.org/0009-0009-1184-8297)

Pós-Doutor em Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)

Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Campos dos Goytacazes, Brasil)

Coordenador do Núcleo de Transmissão Psicanalítica da Universidade Federal Fluminense / UFF (Campos dos Goytacazes, Brasil)

E-mail: rquintella@hotmail.com

Resumo: Na esteira das lógicas da economia psíquica e da economia política desenvolvidas por Freud e Lacan, tomamos como cerne um tipo de defesa que aparece em muitos casos da clínica contemporânea - o desmentido da privação - para colocar em evidência sua relação com o discurso capitalista pensado por Lacan. O desmentido da privação é um modo de defesa subjetivo que aparece como um índice do fracasso do pai privador na passagem do segundo para o terceiro tempo do complexo de Édipo. Trata-se de uma forma de se defender da castração buscando satisfação pulsional sem mediação simbólica – busca essa que é fracassada e extrapola o princípio de prazer. Conclui-se que esse desmentido contemporâneo é um sintoma do próprio discurso capitalista. Se a forclusão da castração no discurso capitalista é uma promessa igualmente fracassada, o desmentido da privação aparece na subjetividade tentando solucionar esse fracasso. Ele é um sinal de que o discurso capitalista não cumpre sua promessa - e isso por sua própria engrenagem lógica.

Palavras-chave: Privação; Desmentido; Sintoma; Capitalismo; Psicanálise.

Le déni de la privation comme symptôme du discours capitaliste: Dans le sillage des logiques d'économie psychique et d'économie politique développées par Freud et Lacan, nous nous concentrons sur un type de défense qui apparaît dans de nombreux cas de pratique clinique contemporaine - le déni de la privation - pour mettre en évidence sa relation avec le discours capitaliste d'accord avec ce qui fut pensé par Lacan. Le déni de la privation est une défense subjective qui apparaît comme un indice de l'échec du père qui prive dans le passage du deuxième au troisième stade du complexe d'Œdipe. C'est une manière de se défendre de la castration en recherchant une satisfaction pulsionnelle sans médiation symbolique – une recherche qui échoue et dépasse le principe du plaisir. Nous concluons que ce déni contemporain est un symptôme du discours capitaliste lui-même. Si la forclusion de la castration dans le discours capitaliste est une promesse également ratée, le déni de la privation apparaît dans la subjectivité qui tente de résoudre cet échec. C'est le signe que le discours capitaliste ne tient pas ses promesses - et cela par sa propre logique.

Mots clés: Privation; Le déni; Symptôme; Capitalisme; Psychoanalyse.

The denial of deprivation as a symptom of capitalist discourse: Following the logics of psychic economy and political economy developed by Freud and Lacan, we target a type of defense that appears in many cases of contemporary clinical practice - the denial of deprivation - to highlight its relationship with the capitalist discourse as thought by Lacan. The denial of deprivation is a subjective defense that appears as an index of the failure of the depriving father in the transition from the second to the third stage of the Oedipus complex. It is a way of defending oneself from castration by seeking instinctual satisfaction without symbolic mediation – a search that fails and goes beyond the pleasure principle. The conclusion is that this contemporary denial is a symptom of capitalist discourse itself. If the foreclosure of castration in capitalist discourse is an equally failed promise, the denial of deprivation appears in subjectivity trying to resolve this failure. It is a sign that capitalist discourse does not fulfill its promise - and this by its own logical perspective.

Keywords: Deprivation; Denial; Symptom; Capitalism; Psychoanalysis.

O desmentido da privação como sintoma do discurso capitalista

Rebeca Espinosa Cruz Amaral & Rogerio Robbe Quintella

Introdução

Em diversos textos de sua obra, como em 1921/1996d, Freud defendeu que à psicanálise também compete a investigação dos fenômenos sócio-culturais e políticos. Cláudio Oliveira (2008) afirma que Freud inicia um diálogo entre a psicanálise e o marxismo – posteriormente aprofundado por Lacan -, que nos permite afirmar que “a economia psíquica de Freud é a chave da economia política de Marx” (p. 51). Segundo este autor, Freud isola o valor do pensamento econômico de Marx de tudo o que o antecede e sucede, e é possível notar certa identificação de Freud com o Marx economista ao notar que o primeiro, desde suas obras pré-psicanalíticas, abordou os fenômenos de que tratou a partir de uma perspectiva econômica – utilizando-se de vocabulário corrente na economia para explicar os processos inconscientes, como se vê em 1950[1895]/1996f, 1900/1996a, 1915/1996b, 1920/1996c, e outros.

Além disso, Oliveira (2008) afirma ainda que, por mais que não considere os motivos econômicos como os únicos determinantes do comportamento dos humanos, Freud aponta que estes não deixam de ter uma influência decisiva sobre suas atitudes intelectuais, éticas e artísticas, e que o marxismo precisava ser suplementado pela psicanálise, devendo levar em consideração os fatores psicológicos.

Nessa direção, cabe avançar entendendo que Lacan conduz a psicanálise a uma leitura política da economia psíquica a partir de Marx e Freud, pensando a constituição do sujeito em termos de discurso que inclui, fundamentalmente, a categoria do real e do gozo não apenas na discussão sobre a economia psíquica que aparece em Freud (modelo termodinâmico), mas numa lógica que é a da economia política (Lacan, 1968-1969/2008). Lacan abre, com isso, novos caminhos para a pesquisa nesse campo, especialmente com seu avanço sobre os quatro discursos e a inclusão de um quinto, o discurso do capitalista - que aparece como uma variante do discurso do mestre, como veremos no avanço deste artigo.

Introdutoriamente, destacamos que, em Lacan, o discurso capitalista aparece como uma promessa de forclusão da castração e possibilidade de gozo absoluto, doravante o advento e consolidação do modo de produção capitalista como hegemônico na cultura. Lacan afirma: "O que distingue o discurso do capitalista é isto - a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico (...) a rejeição de que? Da castração" (Lacan, 1971-1972/2011, p. 96).²

Frente a isso, caminhamos com Malcher (2016) no questionamento sobre os efeitos dessa promessa de forclusão da castração na experiência do sujeito e na constituição do laço social na medida em que este depende da renúncia ao gozo. Malcher (2016) destaca que tal promessa não se cumpre, mas o próprio fato de ser feita já traz consideráveis efeitos: “nem o sujeito, nem a castração são totalmente excluídos e fazem seu retorno gerando mal-estar, mesmo que, possivelmente, com novas roupagens” (p. 128).

Neste artigo, visamos demonstrar como o capitalismo, com sua engrenagem específica da acumulação de mais-valia e incitação à voracidade do consumo, produz um sintoma que lhe é próprio. Com respeito a este ponto, o conceito de desmentido da privação (Quintella, 2016) – que aprofundaremos a seguir – aparece como elemento central para avançarmos sobre a relação entre discurso capitalista e mal-estar na cultura, na medida em que se refere a uma defesa neurótica contemporânea característica dos percalços do sujeito do inconsciente na sua relação com o excesso e com os ideais de eu nos dias de hoje. Trata-se, no artigo atual, de demonstrar que essa defesa neurótica contemporânea de muitos sujeitos na polis - **o desmentido da privação** - é um sintoma das contradições próprias da engrenagem capitalista na sociedade de consumo. Sua relação com a castração é pertinente naquilo que interpela a psicanálise a pensar a maneira como o discurso capitalista conduz-se a si mesmo para uma lógica que contradiz sua própria promessa: a de anular o mal-estar através da forclusão da castração. Veremos, assim, a pertinência de pensar a relação entre castração e privação nessa engrenagem do discurso capitalista para uma apreensão mais detida sobre a forma como o capitalismo está imbricado com a subjetivação dos dias de hoje.

Considerações sobre o desmentido da privação na polis contemporânea

Partiremos dos achados teóricos de um de nós (Quintella, 2016, 2018, 2020) que se pautou em pensar os efeitos subjetivos e sintomáticos das articulações contemporâneas entre supereu, ideal do eu e privação. No livro *O Supereu Canibal* (2018), por exemplo, foi questionada a pertinência do supereu na contemporaneidade, na medida em que este se faz cada vez mais presente na clínica como um supereu guloso e devorador que se dirige menos ao eu e mais intensamente a objetos externos, apresentando-se na atualidade, em muitos casos, de uma forma diversa daquela que preponderava nos divãs de Freud e Lacan.

Esta teoria se embasa fundamentalmente no conceito de **desmentido da privação**, proposto originalmente no artigo *O desmentido da privação na atualidade* (Quintella, 2016) e retomado em obras posteriores. Ali se postula que determinados tipos de sofrimento, prevalentes em alguns casos atualmente, estão ligados a uma forma peculiar do sujeito contemporâneo lidar com a privação e o consumo. Segundo esta teoria, os sujeitos contemporâneos, visando uma saída para a castração, não se furtam a buscar na satisfação imediata o triunfo derradeiro do gozo – mesmo sendo esta busca sempre fracassada. Esses sujeitos atiram-se a um imperativo de gozo que implica outro tipo de posição subjetiva na relação ao limite, em meio ao qual encontram, no extremo dessa condição, experiências que os empurram para o excesso e a impulsão.

Tal condição está relacionada a um modo específico de defesa, o **desmentido da privação**, um aspecto da neurose na contemporaneidade, índice do declínio da autoridade paterna calcada no ideal do eu (Quintella, 2016). Apesar da lei simbólica operar efeitos de neurose relacionados ao primeiro tempo edipiano, o pai privador no segundo tempo do complexo de Édipo fica sob rasura (Quintella, 2018, p. 115). Isso pode resultar numa defesa que toma a privação como alvo, implicada na fugacidade

identificatória ao ideal do eu, ligado ao pai privador.

Cumpra assinalar que em Lacan (1957-1958/1999) a privação é a mola do ideal do eu, um motor que empurra a criança na direção do pai tomado como ideal. Isso se dá, segundo Lacan, na passagem do segundo para o terceiro tempo do complexo de Édipo, o que deflagra a importância da relação entre privação e formação do ideal do eu. Enquanto a castração tem uma relação intrínseca com a lei simbólica, a privação está relacionada diretamente ao ideal do eu. Esta diferença entre o pai como lei e o pai como ideal já foi assinalada alhures no texto *As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu* (Quintella, 2014). Ali ficou evidenciada a importância desta distinção para pensar o sujeito contemporâneo.

Nesse contexto, é importante destacar uma passagem de Žižek (2016), que afirma:

Hoje [...] a própria função simbólica do pai é que é cada vez mais minada, isto é, está perdendo sua eficácia performativa; por isso, o pai já não é mais visto como Ideal do Eu, o portador mais ou menos fracassado, inadequado da autoridade simbólica (p. 351).

Na atualidade o sujeito encontra maior dificuldade de introjetar o pai como um ideal ao nível da ingestão simbólica de seu traço: trata-se de um enfraquecimento da introjeção simbólica e, diante disso, um empuxo ao consumo de objetos como tentativa desesperada de introjeção no lugar do ideal do eu. Nesses casos, constata-se a projeção imaginária do eu ideal colocada no lugar do ideal do eu, de modo que uma das marcas da cultura vigente é "um autocentramento subjetivo que marca a prevalência da imagem de si, subjugada à fantasia primária de onipotência narcísica, característica de uma busca pelo imediatismo da satisfação pulsional" (Quintella, 2016, p. 119).

O sujeito contemporâneo vive, muitas vezes, como se a satisfação direta fosse possível, sem a mediação do significante. Isso é um índice do enfraquecimento da eficácia simbólica na atualidade. Sobre isso, Žižek (2016) chama atenção para a necessidade de que a lei ganhe um referendo, acedendo a um grau de **reificação** para funcionar como tal. Na ponderação deste pensador, a eficácia simbólica "diz respeito a um mínimo de reificação" (Žižek, 2016, p. 343). Para que um fato ou uma lei se torne operativa é preciso que a instituição simbólica registre esse fato para que os efeitos performativos do ato de afirmá-lo ganhe força (Žižek, 2016). É exatamente o que faz o pai privador que abre caminho para o ideal do eu. Para Lacan (1957-1958/1999) ele funciona como um referendo da lei.

Em muitos casos na atualidade essa reificação se acha sob rasura. Embora a lei simbólica tenha sido inscrita no primeiro tempo do complexo de Édipo, nesses casos ela perde eficácia simbólica na passagem do segundo para o terceiro tempo, quando entra a figura do pai privador que referenda a lei, o que faz da privação uma questão para o sujeito contemporâneo. Segundo Lacan (1957-1958/1999), quem dá esse referendo é o pai privador. Trata-se, então, de sujeitos neuróticos que, não colocando o pai no lugar de ideal do eu, desmentem a privação mergulhando em experiências de excesso. São

sujeitos "desbussolados", como denomina Miller (2005). De acordo com a apreensão teórica referida (Quintella, 2016), ao buscar uma saída para a castração, o sujeito apresenta esse modo particular de defesa, agindo como se não houvesse privação. É como se o sujeito pudesse sair pelos espaços sociais e realizar cada um de seus anseios pulsionais. Contudo, não o faz sob o cálculo perverso, mas o faz *impulsivamente*, ou mesmo *compulsivamente*. Por exemplo, impele-se ao sexo sem implicar-se com o outro, ou droga-se sem encontrar o limite entre o prazer e o gozo, entrando num circuito compulsivo e por vezes violento, extrapolando a experiência do prazer. Cumpre assinalar que o desmentido da privação não é uma ausência de privação, mas uma forma do sujeito se desviar da castração buscando satisfação direta sem mediação simbólica, impulsivamente, como se o objeto da satisfação absoluta estivesse exposto numa vitrine. Trata-se de um movimento defensivo contra a castração que vai além do princípio do prazer.³

Numa obra mais recente (Quintella, 2020), esta teorização avançou na direção das articulações entre tal desmentido e o consumismo de massa. Ali vemos mais nitidamente, então, a associação feita entre o conceito de desmentido da privação com a sociedade de consumo, especialmente no que concerne à busca por satisfações pulsionais diretas, sem mediação simbólica. Isso enseja caminhos teóricos que podem vir a responder a alguns questionamentos feitos por Malcher (2016):

Lacan toma o Ideal-do-Eu como simbólico, e denuncia o imperativo de gozo que o Supereu vocifera. Diante disso, poderíamos supor que o declínio da função paterna se refira mais à vertente do Ideal-do-Eu como regulador simbólico do gozo, deixando o sujeito mais à mercê do imperativo de gozo do Supereu? Seria esse um dos fatores que favoreceriam a acolhida discursiva por parte do sujeito da promessa capitalista de forclusão da castração? (p. 246).

Sobre a primeira questão, o próprio Malcher (2016) indica uma resposta quando afirma que, se no discurso do mestre temos um modelo sustentado no ideal, o declínio do Pai gera como efeito uma disposição menor à renúncia ao gozo. Já a segunda questão é para a qual desejamos aqui buscar um avanço, no que diz respeito fundamentalmente ao desmentido da privação contemporâneo ligado às engrenagens do capitalismo que se relacionam intrinsecamente aos problemas subjetivos. É importante que se realize uma análise da própria engrenagem capitalista, na medida em que interrogamos sobre o lugar do desmentido da privação no seio dessa engrenagem. Trata-se de pensar a relação entre essa defesa contemporânea e o *modus operandi* do capitalismo, já que, segundo Safatle (2020) - como veremos no desenvolvimento -, esse *modus operandi* não carrega em seu projeto a renúncia ao gozo. Isto se articula com o próprio declínio do pai em posição de ideal que, como demonstramos acima, abre caminho para o desmentido da privação e uma disposição menor à renúncia ao gozo. Cabe salientar que Freud (1930[1929]/1996e) reconhece nesta última a condição fundamental para a constituição civilizatória.

Qual é, então, a função do desmentido da privação na lógica contemporânea do discurso

capitalista? O desmentido da privação se articula ao discurso capitalista no ponto mesmo em que, neste último, **o ideal do eu fica reduzido cada vez mais ao gozo da mercadoria.**

As engrenagens lógicas do capitalismo

Para adentrarmos essa discussão é importante que se dê visibilidade sobre a lógica pela qual o capitalismo constitui suas engrenagens.

Catani (1989) afirma que a teoria histórica de Karl Marx (1818-1883) explica o que é o capitalismo definindo-o como um modo de produção de mercadorias gerado historicamente na Idade Média e intensificado com a Revolução Industrial. No avanço do capitalismo, a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como um objeto de troca a partir da concentração da propriedade dos meios de produção nas mãos de uma determinada classe social. Essa classe social é a elite capitalista que destina a outra classe - a dos trabalhadores - a ter que vender sua força de trabalho para subsistir.

Marx concebe a mercadoria em *O Capital* (1867/2013) como algo que satisfaz uma necessidade do homem (inclusive da fantasia), e que pode ser trocada por outra, colocando em jogo seus valores de uso – conferidos pela utilidade que possui para o consumidor – e de troca. E frisa que a única coisa que diferentes mercadorias possuem em comum é o fato de serem produtos do trabalho humano geral, abstrato, da aplicação e de um dispêndio de força de trabalho, apesar de se diferenciarem em seus valores de uso por envolverem diferentes espécies de trabalho necessárias. Assim, o que permite comparar e trocar mercadorias em determinadas proporções é o valor que é resultado do trabalho humano abstrato, geral, do tempo de trabalho médio socialmente necessário à produção da mercadoria.

O trabalho é a mercadoria por excelência que cria um valor maior: a mais-valia (Marx, 1867/2013). Assim, historicamente, como demonstra Marx (1867/2013), o operário é, então, obrigado a trabalhar mais do que as horas necessárias para produção de valor para sua subsistência, produzindo mais do que consome, um excedente, um sobreproduto que não é retribuído pelo capitalista e que constitui a mais-valia, a qual é a substância da riqueza da classe capitalista burguesa. Segundo Catani (1989), é só por esta expansão do valor que o dinheiro de fato se transforma em capital, e este é um processo que não tem limites.

Tendo isso em vista, Sennett (2006) retoma uma análise do capitalismo afirmando que a nova economia busca atender à necessidade dos consumidores e facultar a fantasia individual, estimulando a imaginação e, com isso, reforçando aquilo que ele denomina **paixão autoconsumptiva**:

uma paixão que se extingue na própria intensidade; em termos menos sensacionais, equivale a dizer que, utilizando coisas, nós as estamos consumindo. Nosso desejo de determinada roupa pode ser ardente, mas alguns dias depois de comprá-la e usá-la, ela já não nos entusiasma tanto. Nesse caso, a imaginação é mais forte na expectativa, tornando-se cada vez mais débil com o uso (Sennett, 2006, p. 128).

Isso que Sennett denomina **paixão autoconsumptiva** define-se exatamente pela perda do valor da mercadoria no seu próprio uso, continuamente, o que gera mais vontade de aquisição de novas mercadorias.

Sennett (2006) afirma que o surto planetário do crescimento trouxe, de fato, muitos benefícios, mas não significou exatamente uma melhor qualidade de vida, pois a participação, a mediação de comandos, bem como os níveis de confiança informal, diminuíram e os de angústia aumentaram: o tempo encurtou, as relações humanas se superficializaram e capitalizaram, e os indivíduos se desorientaram.

O ponto nevrálgico aqui é que ao sujeito como consumidor o capitalismo promete não a renúncia, mas um acesso ao gozo pela via da mercadoria, de modo que "segundo Lacan (...) o capitalismo, ao mesmo tempo em que depende da renúncia de todos os envolvidos, promete acesso ao gozo pela via da mercadoria" (Malcher, 2016, p. 11).

Safatle (2020) pontua sobre isso:

Lacan compreenderá que o capitalismo nunca poderia ser um modo de existência fundado na simples renúncia ao gozo. (...). O capitalismo se funda no que Lacan chama de expropriação do gozo, ou seja na inscrição de seu excesso e desmedida no interior das dinâmicas de reprodução social (p. 68).

Na esteira dessas considerações, Malcher (2016) afirma existir no capitalismo uma mudança de paradigma na maneira como é produzido o excedente em relação aos modos de produção anteriores. O excedente não é mais convertido em outras mercadorias com valor de uso, mas passa a ser acumulado e contabilizado. Sobre isso, nada mais pertinente do que o destaque de Malcher sobre uma passagem crucial do discurso de Lacan sobre o capitalismo e sua relação com o discurso do mestre: "Alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história [...] a partir de certo dia o mais-de-gozar se conta, se contabiliza, se totaliza. Aí começa o que se chama acumulação de capital." (Lacan, como citado em Malcher, 2016, p. 50). O pesquisador também destaca Jorge Alemán na seguinte passagem de extrema pertinência: "[...] o capitalismo não é só um fato econômico, mas sim, como mostrou Lacan, uma questão do mais-de-gozar." (Alemán, como citado em Malcher, 2016, p. 50).

O que esses autores evidenciam é o fundamento libidinal da economia capitalista. Tal apreensão, cuja fonte primordial é o pensamento de Freud, foi pensada por Lacan principalmente a partir do conceito de **mais-de-gozar** na teoria dos discursos. Passemos a este estudo para refletirmos sobre as incidências disso no campo subjetivo, do ponto de vista do inconsciente e das imbricações deste com a própria engrenagem capitalista.

Algumas considerações sobre o discurso capitalista em Lacan

No que diz respeito à psicanálise, é importante evidenciar que o que está em jogo é a relação entre gozo e mal-estar cultural. Se a engrenagem capitalista implica que a mercadoria seja uma via de gozo, então estamos no terreno da psicanálise. E neste terreno cabe pensar como os diferentes modos de gozo se constituem na experiência inconsciente, de um ponto de vista teórico-clínico. Se a psicanálise sustenta uma ética, que é a do desejo em sua articulação com o gozo, há algo de uma dimensão essencial que é do modo de gozar de mercadorias. Tratando aqui da estrutura, que possibilita formas singulares de extração de gozo, avançamos com a discussão sobre a teoria dos discursos em Lacan, a qual fundamenta formas diversas de laço social na relação do sujeito com o impossível nesse gozo.

Entre os Seminários 16 e 17 Lacan começa a esboçar a relação entre gozo e política, introduzindo a importante noção do mais-de-gozar como homólogo à mais-valia marxiana.⁴ Isto abre um novo campo, que culmina na teoria dos discursos como importante avanço no pensamento de Lacan.

No *Seminário 17* Lacan (1969-1970/1992) define uma estrutura em quatro elementos, quais sejam: sujeito dividido (S), objeto (*a*), significante mestre (S1) e saber (S2 ou cadeia significante) que se produzem a partir dos giros numa estrutura que não se modifica:

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \quad \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

No discurso do mestre, trata-se da estrutura mesma do inconsciente, em que um significante inaugura uma cadeia (S1 - S2), fazendo perder o objeto a partir da articulação entre o mestre que funda (S1) e o escravo que, com seu saber, é posto a trabalhar (S2). Lacan (1969-1970/1992) relaciona o trabalho do escravo à entropia - liberação de energia produzida - sem possibilidade de recuperação. É o que ele denomina mais-de-gozar, o produto da articulação significante comandada pelo mestre: a perda (objeto *a*) como uma produção.

$$\frac{S1}{\cancel{S}} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Os demais discursos são apresentados por Lacan (1969-1970/1992) na forma de um quarto de giro que leva esses elementos a ocuparem novas posições diferentes das anteriores. No discurso histórico, o sujeito passa a agente, buscando no outro um mestre que produza um saber insondável sobre a verdade do gozo.

$$\frac{\cancel{S}}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$$

No discurso do analista há uma tomada de posição como agente por parte da causa de desejo

- efeito da perda de gozo - que faz emergir a divisão do sujeito em análise, produzindo o significante-mestre ao qual o sujeito se determina, ou um novo S1 capaz de operar a fundação de uma nova ancoragem do sujeito a partir do próprio S1 que o determina.

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\mathcal{S}}{S1}$$

No discurso universitário, o saber (S2) está em posição de agente que, ao discursar sobre uma determinada forma de tratar o real, coloca o sujeito como pura produção, sem chance de emergir.

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\mathcal{S}}$$

Cumpra assinalar que os quatro discursos são formas de laço social que organizam os modos diversos de gozo na cultura, bem como a relação com o saber, a mestria e a divisão subjetiva.

Visamos com essa breve apresentação da teoria dos discursos ressaltar a relação entre o discurso do mestre e o discurso do capitalista como sua variante, tomando esses dois como foco fundamental de nossa discussão aqui. Relacionando os quatro elementos constantes nessa estrutura dos discursos, observa-se no discurso do mestre a presença do significante-mestre (S1) como agente que induz a cadeia significativa (S2) ao trabalho a partir de um saber inconsciente. A produção, como dissemos, é o objeto *a* como perda inalienável, mais-de-gozar, estando o sujeito em posição de verdade. O mais-gozar é homólogo à mais-valia marxiana, ou seja, a perda irrecuperável produzida pelo trabalho do escravo, acumulando-se na produção do capital.

Na *Conferência de Milão*, Lacan (1972) produz a variante do discurso do mestre, invertendo os lugares entre o significante mestre e o sujeito. Retomando sua afirmação de que algo mudou no discurso do mestre em certo momento da história em que o mais-de-gozar passa a ser contabilizado e acumulado. O mestre passa a estar em posição de verdade, e o sujeito dividido, que consome o que foi produzido pelo saber do escravo, se acha em posição de agente. Contudo, apesar de estar em posição de agente, é o objeto *a* que o determina, operando aí a lógica do consumo das mercadorias produzidas.

$$\begin{array}{ccc} \downarrow & \frac{\mathcal{S}}{S1} & \nearrow \frac{S2}{a} & \downarrow \\ & & & \end{array}$$

Para Lacan (1971-1972/2011), trata-se da forclusão da castração. Dito de outra forma, a promessa de que o objeto é acessível e está estampado numa vitrine. O significante mestre (S1) é o capital em posição de verdade que sustenta o sujeito consumidor de mercadorias, ou *gadgets* no dizer de Lacan - bugigangas mercadológicas que passam a dominar o sujeito na lógica do consumo daquilo que foi produzido pela tecnociência (S2). Como afirma Márcia Rosa (2010), "No Discurso do Capitalista,

os *gadgets*, as quinquilharias, os objetos mais-de-gozar (*a*) vêm no lugar da produção e, com um frágil anteparo da lógica significante ($S1 \longrightarrow S2$), deixam o sujeito à mercê dos objetos ($\$ \longleftarrow a$)” (p. 168).

Repare-se que não há seta entre o agente e o outro que trabalha, apenas a seta entre os significantes e setas entre objetos *a* (*gadgets*) e o sujeito - os primeiros em direção aos segundos.

A falta permanece, mas ela agora é nutrida pelo produto fabricado, que evoca a insaciabilidade do sujeito elevando-a à sua máxima potência, o que o leva a impelir-se constantemente ao consumo. Trata-se aí do objeto *a* como fonte de um imperativo de gozo que quase não deixa margem de manobra para o sujeito. É importante salientar que o objeto *a* é tomado por Lacan não apenas em sua vertente de causa de desejo, mas também no seu próprio avesso: ele é um condensador de gozo, fonte do imperativo superegoico. Assim, o objeto *a* assume um estatuto de buginganga mercadológica (*gadget*), impelindo o sujeito ao gozo do objeto. Na crença de que pode se desviar da castração por meio dos *gadgets*, o sujeito é tomado por esse imperativo de gozo, visando satisfação pulsional direta e imediata, logicamente fracassando em sua investida, posto que a satisfação no falante é impossível de realizar sem passar pelas trilhas da mediação simbólica.

trata-se de dizer um *sim* [grifo do autor] à pulsão, desmentindo a privação de forma imperativa, como se fosse possível a satisfação direta com seu objeto derradeiro, esquecendo-se de que na verdade o possuidor é que é um objeto. Para sempre perdido, o objeto *a* mais-de-gozar, na sua vertente invocante e na sua vertente oral, força a ordem superegoica na direção do devoramento desses objetos, de forma que o sujeito articule uma tentativa de recuperação do gozo perdido. (Quintella, 2020, p. 18).

Essas ponderações nos abrem caminho para melhor compreendermos as minúcias dessa promessa capitalista, tarefa à qual nos dedicaremos à frente, tendo como horizonte o questionamento dos efeitos desta para os sujeitos e para o laço social.

Esses efeitos levam em consideração tanto a afirmação de Lacan sobre a forclusão da castração no discurso capitalista, quanto o desmentido da privação pensado por um de nós (Quintella, 2016). Adiante, buscamos lançar luz sobre o lugar desse desmentido no discurso capitalista.

Discurso capitalista e mal-estar cultural: a reversão sintomática

O desmentido da privação, pensado como defesa do sujeito contemporâneo, deve ser abordado, ao nosso ver, numa relação intrínseca com o que Lacan chama de **forclusão da castração** no discurso capitalista. Enquanto o primeiro é uma **defesa neurótica contemporânea** que aparece em muitos casos da clínica psicanalítica, a segunda é uma **promessa** que engendra o próprio discurso capitalista e reforça a defesa em pauta, sendo, ao mesmo tempo, reforçada por esta promessa, numa retroalimentação. Isso não é desprezível, dado que há algo no próprio capitalismo que fracassa e engendra o desmentido da privação como uma evidência sintomática desse fracasso.

O discurso capitalista faz crer que a liberdade absoluta é possível e que o mal-estar cultural pode ser erradicado. Como vimos, ele tem como causa a produção de um excesso para atender a própria necessidade de constante expansão, e não diretamente as necessidades de consumo. Isso, porém, não se dá sem tropeços. Se Marx (1867/2013) denunciou que o modo de produção capitalista não funciona sem tropeços, tendendo a ser fonte também de mal-estar e não de harmonia; a psicanálise vem escutar justamente esse mal-estar na relação atual do sujeito com o gozo.

Como afirmam autores como Sennett (2006) e Han (2018), o capitalismo não trouxe a liberdade prometida. Apesar de hoje os sujeitos não mais acreditarem serem submissos, e sim projetos livres, libertados das coerções externas, o que eles não notam, como mostra Han (2018), é que se submetem a coações internas sob a forma de obrigações de desempenho e otimização. É a própria liberdade visada pelo capitalista que provoca coerções em uma ditadura do capital. Han (2018) defende, então, que

Doenças psíquicas, como depressões ou burnout são expressões de uma profunda crise da liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção. O sujeito do desempenho, que se julga livre, na realidade é um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. (p. 10).

Ou seja, o sujeito se crê agente, mas é, na verdade, escravo de seu próprio imperativo, servo de um sistema neoliberal, que tem por senhor, o S1, o capital em posição de verdade, como bem demonstra o Discurso do capitalista.

Ao contradizer a renúncia ao gozo, o capitalismo incita a produção de um excesso estruturalmente impossível de usufruir na experiência do absoluto, como se a castração pudesse ser, de fato, foracluída. Porém, onde a promessa de forclusão da castração incide, aparece o engano: o capitalismo não entrega o que promete. É justamente desse fracasso que o capitalismo paradoxalmente se alimenta, posto que essa não entrega é a mais-valia que fica nas mãos do capitalista, incitando o sujeito ao consumo e à voracidade, na tentativa de recuperar o gozo perdido (mais-de-gozar).

Nesse ponto o discurso capitalista engendra seu sintoma: o desmentido da privação – ante aos ideais de eu fugazes, pulverizados, sem valor, reduzidos ao gozo das mercadorias; ele alimenta e é alimentado pelo discurso capitalista e por seus *gadgets*. Se a forclusão da castração é uma promessa fracassada, o desmentido da privação aparece como uma espécie de solução desse fracasso. Ele é um sinal de que o discurso capitalista não vai bem: não erradica o mal-estar. Ou seja, ao desmentir a privação o sujeito cai no além do princípio do prazer, num empuxo ao gozo que provoca mais mal-estar. Isso denuncia a insustentabilidade do discurso capitalista, na medida em que a castração não pode ser foracluída. O desmentido da privação, em última análise, denuncia o fato de que não há maior liberdade no capitalismo. Ao contrário, nesse desmentido, o que retorna com mais força é o supereu sádico, massacrante, mortífero e (auto)devorador.

Nesse sentido, podemos entender o desmentido da privação como um sintoma do capitalismo.

É um sintoma na medida em que vela e ao mesmo tempo revela que o capitalismo não vai bem por um fator lógico, dado que esse fracasso é intrínseco à sua própria engrenagem. O desmentido da privação é uma defesa psíquica que tenta a realização impossível da promessa capitalista; é uma solução de compromisso entre essa promessa e aquilo que é entregue pelo sistema. Trata-se exatamente do compromisso de compatibilizar elementos incompatíveis – o que é visado em todo sintoma.

Considerações finais

A psicanálise não pode se furtar a tratar os efeitos subjetivos do impacto discursivo intrínseco ao modo de produção capitalista contemporâneo. Sendo o lugar da psicanálise o da subversão do sujeito, ela funciona sustentando o desejo e **possibilitando** uma suspensão do empuxo ao gozo doravante seu discurso. A erradicação do mal-estar visada pelo capitalismo deve ser discutida pela psicanálise em âmbito clínico ético e político; esta última não promete a eliminação do mal-estar, nem oferta felicidade, mas **permite** que o sujeito sustente seu desejo e lide com o empuxo ao gozo de uma maneira outra, mais inventiva, singular. Ao contrário do discurso capitalista que visa forcluir a castração, a psicanálise a evidencia, assim como evidencia a impossibilidade de erradicar o mal-estar cultural. Com efeito, ela revela que o empuxo opera, na verdade, produzindo ainda mais mal-estar. O desmentido da privação como defesa de um sujeito contra a castração perante o ideal de eu reduzido ao gozo da mercadoria constitui esse mal-estar. Não se trata então de erradicar o mal-estar, mas possibilitar a produção de maneiras outras de lidar com ele – maneiras essas que possam diferir do desmentido da privação contemporâneo – este último constituindo-se como o próprio sintoma do discurso capitalista.

Com efeito, pensar a forma como a lógica capitalista incide na subjetividade ali intrínseca é tarefa imprescindível da psicanálise contemporânea, que não pode deixar de refletir sobre a realidade de seu tempo.

Notas:

1. Este artigo encontra-se vinculado à pesquisa de doutoramento em Teoria Psicanalítica/UFRJ de Rebeca Espinosa Cruz Amaral, orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e contou com financiamento de bolsa de doutorado Faperj Nota 10.
2. Aqui é importante esclarecer que forclusão é um conceito psicanalítico elaborado por Jacques Lacan (1955-1956/1995) a partir do termo alemão *Verwerfung*, utilizado por Freud para designar uma das formas de resposta, negação, ou defesa, frente à castração e, conseqüentemente, à metáfora paterna. Caracteriza-se por uma rejeição do significante Nome-do-pai, significante da lei, de modo que este fica de fora do registro simbólico e há uma elisão na operação da castração. Após o primeiro momento em que o estabelece, Lacan serve-se desse conceito em diferentes contextos durante todo seu ensino, como em sua explanação a respeito do discurso capitalista (Lacan, 1971-1972/2011). Neste, o autor utiliza

essa terminologia, forclusão, com o objetivo de apontar uma **promessa** de tamponamento da falta, de negação do impossível ao redor do qual o sujeito se constitui enquanto sujeito dividido, e, assim, do alcance de um gozo infinito, sem interrupções, que garantiria a felicidade absoluta, e o faria especialmente pela via do consumo da mercadoria.

3. A diferença entre o desmentido da privação neurótico e o desmentido da castração perverso se acha trabalhada no artigo *O desmentido em questão na psicanálise contemporânea* (Quintella, 2020). Ali fica exposto que esta modalidade de defesa consiste numa “forma de se desviar da castração e não um desmentido da castração propriamente dito. Como todo neurótico, o sujeito nega a castração com o sintoma” (Quintella, 2020, p. 12).
4. Cumpre assinalar que o mais-de-gozar não se confunde com o gozo. Enquanto este último diz respeito a uma experiência ligada à satisfação dos objetos, o mais-de-gozar é a produção de perda numa entropia que exige do sujeito a renúncia do gozo.

Referências Bibliográficas

- Catani, A. (1989). *O que é capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 4,5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996b). Artigos sobre metapsicologia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 120-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996c). Além do Princípio do Prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-72). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996d). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 75-146). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996e). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 355-466). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])
- Freud, S. (1996f). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 27-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- Lacan, J. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conférence à l'université de Milan. Recuperado de <http://pagesperso-orange.fr/espace.freud/topos/psych/psysem/italie.htm>

- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Malcher, F. (2016). *Laço social, temporalidade e discursos: De Totem e Tabu ao discurso capitalista*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política, livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867)
- Miller, J-A. (2005) Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, 42, 7-18.
- Oliveira, C. (2008). Economia marxista e economia freudiana ou política e pulsão. *Crítica Marxista*, 27, 47-63.
- Quintella, R. (2014). As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. *Revista Subjetividades*, 14(2), 284-296. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200011&lng=pt&tlng=pt
- Quintella, R. (2016). O desmentido da privação na atualidade. *Ágora*, 19(1), 115-130. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000100115&lng=en&nrm=iso
- Quintella, R. (2018). *O Supereu Canibal: compulsão, impulso e o desmentido da privação na atualidade*. (1ª ed.). Curitiba: Appris.
- Quintella, R. (2020). O desmentido em questão na Psicanálise contemporânea. *Analytica*, São João del Rei, 9(17), 1-24. Recuperado de: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/4223>
- Rosa, M. (2010). Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica [online]*, 22(1). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pc/a/tWMWvkkBBPsR8KDn3JhhCGC/?lang=pt#>. doi: 10.1590/S0103-56652010000100010
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sennett, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. (C. Marques, Trad.). Editora Record: Rio de Janeiro.
- Žižek, S. (2016). Édipo: para onde? In: S. Žižek. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia*

política. (pp. 329-412). São Paulo: Boi Tempo.

Citação/Citation: Amaral, R. E. C., & Quintella, R. R. (nov. 2023 a abr. 2024). O desmentido da privação como sintoma do discurso capitalista. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 22-36. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p22-36.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/12/2023 / 12/01/2023.

Aceito/ Accepted: 12/02/2024 / 02/12/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.